

paizaum

moa sipriano



m o a s i p r i a n o . c o m

PAIZAUM

Moa Sipriano

Uma cozinha em profundo silêncio.

Sobre o balcão de granito, debaixo do azeite, verdades trêmulas rascunhadas em tiras de cartolina. Tiras numeradas. Em fila indiana a marcar um corredor. Apontando para o cubículo da sacanagem. Ou seria o ninho do Amor?

* * *

“Oh, meu pai! Matutando em meu quarto enquanto aguardo seu retorno do supermercado, meu desejo é atirar seus músculos pré-cozidos sobre a mesa da cozinha com ares de suave prepotência.

Sei que hoje me encontro muito mais forte do que você e carrego certeza que seria bem fácil agarrar seu corpo roliço e peludo, dominando-o por completo.

Atordoadado e com a adrenalina ultrapassando todos os limites, você apanharia a estratégica taça de vinho sangue de boi ali, bem do lado esquerdo da mesa rebuscada. Num movimento impensado, segurando a fina base do cristal-cica, todo o líquido arenoso seria alvejado sobre o meu rosto em brasas, suado, dessalgado.

Durante a mistura dos elementos numa alquimia medieval, eu rasgaria seu velho calção azul com a brutalidade das minhas mãos retorcidas.

As gotas – arroxeadas como o nosso sangue – pingariam aleatoriamente sobre a cabeça do ‘poderoso’, purificando-o novamente. Minha saliva cáustica se misturaria ao seu doce néctar e minha boca louca reverenciaria o seu mastro arrogante.

Num ritual pagão, seu báculo sagrado seria agraciado pela minha língua-eva, como certamente já havíamos participado em tempos pra lá de remotos.

Eu sei que no outro passado, por escolha própria, eu fui a sua Primeira Mulher!

Como num passe de mágica, seu mastro deixaria de existir em longos segundos, perdido, engomado, inquieto dentro da minha boca gulosa, insaciável.

Minha garganta profunda sempre desafiara os mais cétricos e mesmo você, homenzarrão experiente, provaria do prazer inigualável da minha gruta demente.

Grite, grite, seu turrão. Seu velho, meu velho, meu homem, meu macho encontrado no final de uma festa de arrombados. Sujo seus restos de sangue, o sangue dos romanos. Júlio, César, Marco Antônio. Eu jamais quis trepar com outros tiozinhos (oportunidades nunca faltaram), pois sempre me guardei para fazer o amor com você!

Venha, venha *Paizaum*, agarre seu Filhote com a fúria das suas mãos carolas. Penetre suas unhas carcomidas no meu peito de luminosa mata acaju. Faça-me urrar de dor, de prazer, de desejo. Nós dois embebidos na boa e livre insanidade!

Soco mais uma no meu quarto, Velho Urso. Soco a milésima punheta, daquele jeito que você me ensinou logo no primeiro encontro aos meus dezoito, através do *xVideos*.

Continuemos.

Agora empurro seu rabo rosado da mesa incolor. Jogo nossa devassidão sobre o chão carmin. Cale a boca, não diga nada. Segure seu mastro assim, bem empinado, pois seu Júnior aqui, virado um peão de rodeio, vai cavalgar além dos oito segundos. Quero ser empalado pela lança do romeno. Vamos ultrapassar os onze minutos do Paulo Coelho. Penetra-me, rasgue minhas tripas. Fura-me, tire a última prega do meu rabo embrutecido. Maria, Maria estava certa!

O buraco rosado abre e fecha. Sou uma cadela, não mais um peão. Fode, fode minha gruta empestada de luxúria. Prove-me que tu és o único Homem da minha Vida!

Ai, meu rabo, ai, quero a dor, continue, não pare, rasgue meu desvio, desfigure meus mamilos. Deixe-me ver suas mãos; suas mãos estão repletas dos meus pelos eletrificados. Dos pelos dourados que você costumava zombar, chamando-me de “ursinho poo... to”, apelido que eu sempre odiei, ah, como odiei isso naquele fim de dois mil, quando eu havia completado vinte e dois.

Oh, meu *paizaum*, agarre minhas bundas, todas elas. Isso, não pare. Arranque todos os fios diamantes do meu rabo apetitoso. Não estanque. Quero a dor. Quero a agonia do nosso prazer. Continue. Não pense. Apenas foda minha alma.

Sou seu urso, sua presa, seu prêmio. Vem, vem meu caçador, meu velho devorador de vovozinhas, me consuma em seu sumo lavacento. De quatro, assim, isso. Eu sei que é do jeito que você mais gosta.

Não sou mais um ursinho ingênuo. Cresci e hoje sou cadela.

Travo sua vara anciã dentro do meu íntimo ninfeta.

Força, força, tente retirar a espada se for capaz. Arthur, o rei, a Távola Redonda. A espada, sempre a espada. Força meu pai, meu homem, meu macho. Eu não deixo, eu não permito você sair de mim-eu-mesmo. Arthur Pai devorando Arthur Filhote.

Catatau come Zé Colmeia?

Agora, o tempo chama, o tempo grita, não pare. Foda-se a irritação do seu suor sobre suas feridas indignas. Também não me importo com as batidas descompassadas do seu coração quase sexagenário. Vamos, vamos meu velhaco experiente.

Eu gargalho, descaradamente.

Seu velho babaca. Você achava que já sabia de tudo, não é mesmo?

Tolo, seu tolo, eu sou único, meu rabo é único, minha boca é única.

Não, você nunca comeu ninguém assim.

É isso aí. Goze, goze, seu velho babão. Ainda não acabou. Você ainda não sofreu. Eu quero a dor. Eu quero a expiação do meu prazer.

Sua porra, ah, sua gosma mesozoica a inundar meu universo. Quero o gosto. Quero sentir o gosto. Quero o seu gozo. Agora te solto. Solto o báculo, enquanto agarro a espada. Não, eu não deixo, ele não vai cair. Ele, o cacete. Ela, a pica. A minha pistola apontada para mim. Abro a boca. Vamos, meu velho, mais um pouco. Quero a essência. Quero a porra idade média. Assim, assim mesmo. Grite, esporreie na minha garganta. Ah, que delícia! Fumegante, pulsante, a última golfada. Eu chupo, eu limpo, eu apago todos os vestígios dos laços da nossa metade-família, comercial-de-margarina.

Beije-me, sinta o meu, o seu, o nosso gosto. Quero vinho. Jogue o resto do vinho tinto da receita na minha cara branca. Agora. Mais uma vez.

Puxo seus cabelos e cinzas. Eu quero mais, meu pai. Muito mais. Vem, vem ser meu submisso. Abro sua boca. Entorno o resto da garrafa goela abaixo. Vem, mordisque minha língua. Cospe, cospe o vermelho. Assim, agora doce. Continue beijando. A carne, a carne está queimando. Não, não seu tolo, além da panela há outra carne torrando no fogo. O fogo, um fogo do inferno. Vermelho, vinho. Quero seu sangue. Venha, venha, meu macho, meu pai, meu homem!

Abocanhe, lamba meu caralho. Sim, o meu CA-RA-LHO. Pensou que eu não ia querer? Concluiu que era só me foder assim, no assado? Cale a boca, engula as palavras. Abra a bocarra, engula a tora. Assim, desse jeito. Não, papaizinho, não sugue, só chupe. Ah, assim. Ai que delícia! Mais rápido, mais rápido. Não, agora eu não tenho tempo para palhaços beijos românticos. Desça. Desça para o inferno, para o calor do meu bastão jovial, repleto de vidas. Sim, eu estou lendo seus pensamentos, você já teve vinte anos muito bem vividos, eu sei.

Eu sei que você curti um patético troca-troca com seu professor de francês. Eu já ouvi a história centenas de vezes. Bêbado, sempre bêbados. Pare de pensar. Chupe, continue. Ele vem. Sim, ele vem. O elixir da sua juventude. Ah, não pare. Chupe gostoso, papaizinho.

Sim, eu bato, eu esfolo sua cara de couro vencido. Sim, eu agarro, eu seguro seus fartos cabelos falhos. Assim, tudo lá dentro, sua garganta não é tão profunda como a minha, mas assumo que você é bem esforçado.

Dezenove. Dezenove ponto oito centímetros reais a bailar no céu da sua boca. Pelo menos essa maravilha genética você me deixou como boa herança. Assim, não pare, não paaareeee!

Não se atreva. Feche a boca, meu pai. Engula, assim, tudo, tudo. Eu sei que não foi sua primeira vez. Ah, minha língua ácida sendo mordiscada pelo seu rabão aturdido. Abra a boca, deixe-me ver. Não, ainda não. O ritual ainda não está completo. Venha cá. Quero o beijo. Sim, o nosso beijo. Assim, gostoso, ardente, um pecado envolto no sagrado.

Ainda está duro. Nossa Fênix. Ressuscitou. Sim, eu quero. Nós dois. Vire, vire, enfie tudo na boca. Vamos de meia-nove. Que delícia. A guerra dos báculos. Os báculos de Sade brigam com as espadas saliventas. Assim, meu pai, no ritmo. Meia-nove. Não pare. Não podemos parar. Assim, novamente. Goze, goze meu velho. No meu peito, a sua brancura hipócrita espalhada bem no centro dos meus pelos da cor do sol. Respire, respire, busque novamente qualquer brisa. É o fim, é o fim da dor. Da dor do prazer. Agora eu exijo seu abraço. Assim, juntos, bem unidos numa só carne de terceira. Venha, quero seu romantismo. Mais vinho. Não, não se levante. Não busque outra garrafa. Venha, há mais vinho a repousar na superfície dos meus lábios.

Impossível, ridículo, irreal, você vocifera. Cale a boca, cale a sua boca, meu gerador. Não diga nada. Não há pecado original. Volte para os meus braços. O abraço, o abraço-urso. Assim, do nosso jeito. Vem, quero seu Amor. A dor já passou. Não, não se preocupe com a outra carne. Ela já queimou. No último capítulo, tudo vira cinza.

Vem, meu pai querido, preciso do carinho macholino. Quero seu amor. Vem provar o vinho. Vem beijar as linhas dos nossos dentes. Mete dois dedos. Vem sentir o calor emanado do meu rabo apaixonado. Quero o sonho. Quero o sonho dos amantes. Quero a carne. Quero sua carne. Quero a carne da panela. Quero as cinzas da cozinha. Eu te amo!”

* * *

PS. *Oh, meu pai. Tomei a coragem. Eu não aguento mais. Eu sei que você leu minha cartinha. Sinto que seu caralho ressuscitou e está em chamas. Já que ela nos abandonou, deixe-me cuidar das tuas feridas. Esqueça o Fistikli. Aceite o cordeiro a repousar na tigela e os pistaches guardados na lata dourada. Apague o primeiro fogo. Acenda o terceiro. Vamos à prática. Abaixo as mentiras. Chutemos os rabos da Hipocrisia. Empalemos o Preconceito. Estou nu, em chamuscados pelos sedosos. Venha para o meu quarto concretizar o que não deve mais ficar oculto. Vamos aproveitar que o Primeiro está em reunião com Gabriel e toda corja. Estou esperando você, meu pai, meu macho, meu único homem...
... agora!*





PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: **Moa Sipriano**

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: **pixabay.com** · **dafont.com**

SITE OFICIAL & CONTATO: **moasipriano.com** · **escritor@moasipriano.com**